

## Os manuscritos de imprensa de Marcel Proust: incursões em um ateliê de escritura jornalística

Yuri Cerqueira dos Anjos<sup>1</sup>

### Introdução

OS MANUSCRITOS DE PROUST são há muito tempo estudados pela crítica genética e parecem mesmo ser parte intrínseca da história da disciplina, não só na França como também no Brasil<sup>2</sup>. Renomados especialistas, bem como grandes equipes do mundo inteiro se dedicaram ao estudo desse corpus e seu intenso trabalho é de grande importância para a área. No seio dessa grande massa dos estudos genéticos proustianos, os manuscritos do romance *Em busca do tempo perdido* são claramente o centro das atenções dos pesquisadores e editores. Um exemplo emblemático dessa centralidade é a dimensão do projeto de transcrição dos Cadernos 1-75 (ligados diretamente à gênese do romance), projeto liderado pelo Item-CNRS<sup>3</sup>. Esse grande interesse despertado pelos manuscritos de Proust parece, contudo, pela centralização que o caracteriza, ter deixado certa parte do *corpus* ainda pouco explorada.

Esse é o caso, por exemplo, dos manuscritos de seus artigos de imprensa. O caráter relativamente marginal e fragmentado dessa produção, bem como a inegável primazia do romance proustiano no campo dos estudos literários em geral, parece ter afastado os pesquisadores, que raramente se debruçam sobre eles no intuito de estudá-los em si mesmos<sup>4</sup>. A pesquisa tende a ver esses textos como uma produção “menor” e a tratá-los de forma acessória ou preocupada com traços que serão futuramente desenvolvidos no romance. Dessa maneira, ainda pouco foi dito sobre essa massa de artigos, crônicas, críticas, notas e poemas proustianos para a imprensa no intuito iluminá-los de maneira mais autônoma<sup>5</sup>. Procuraremos aqui, portanto, fazer um estudo desse corpus de maneira a ressaltar sua especificidade, sem deixar de levar em conta os avanços da crítica genética proustiana nos estudos dos manuscritos do romance.

---

<sup>1</sup> Doutor em Letras – Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês pela Universidade de São Paulo. Contato: [yuridosanjos@usp.br](mailto:yuridosanjos@usp.br)

<sup>2</sup> BEBIANO, A.; CAVALCANTI, C. Não seguir a linearidade, mas percorrer bifurcações: entrevista com Philippe Willemart. In: *Manuscrita*, n. 18, 2010, p. 17-21. Disponível em: <<http://www.revistas.fflch.usp.br/manuscrita/article/view/1103/1005>>.

<sup>3</sup> Institut des Textes et Manuscrits Modernes. Cf: <<http://www.item.ens.fr/index.php?id=13918>>.

<sup>4</sup> Cf: WYSE, P. Sur une note de régie elliptique de Proust : les Saint-Marceaux et les nymphéas de Monet. In: Proust écrit un roman, 2010, São Paulo. *Actes du colloque*. Disponível em: <<http://www.item.ens.fr/index.php?id=577687>>. O artigo faz uma análise detida e cuidadosa de um trecho do NAF 16634, porém não deixa de utilizá-lo como forma de iluminar um dos cadernos que tendem a concentrar a atenção dos críticos (nesse caso o caderno 41).

<sup>5</sup> Um dos raros estudos que vão na contramão dessa tendência de observar traços do romance nos artigos de imprensa é o artigo de Guillaume Pinson, intitulado “Marcel Proust journaliste: Réflexions sur les ‘Salons parisiens’ du *Figaro*” (In: *Marcel Proust aujourd’hui*, Leyde, v. 3, 2005, p. 123-141).

## Documentação fragmentada

Os arquivos da Biblioteca Nacional da França e do Centro de Documentação da Equipe Proust do ITEM-CNRS possuem quatro cotas contendo uma quantidade particularmente significativa de manuscritos dos escritos de Proust destinados à imprensa: NAF 16612 (*les Plaisirs et les Jours*), NAF 16632 (*Pastiches et mélanges*), NAF 16634 (*Chroniques*), NAF 16636 (*Contre Sainte-Beuve et Nouveaux mélanges*). Esses documentos são, em geral, compostos de fragmentos, de manuscritos de natureza diversa (rascunhos, passagem a limpo, notas) e de suportes heteróclitos (folhetos, papéis de diversos tipos).

Se a recente digitalização e disponibilização ao público das “Œuvres diverses” dos arquivos proustianos através do portal Gallica<sup>6</sup> pode dar novo fôlego ao estudo desse material, é preciso constatar que o seu estado documental coloca ao pesquisador uma série de problemas iniciais. De fato, mesmo a classificação e a ordenação dos textos<sup>7</sup> dentro de cada cota parece apresentar dissonâncias importantes. Observemos, a título de exemplo, o NAF 16612, documento que reúne os manuscritos de *les Plaisirs et les jours*. Seu sumário indica, bem ao final, uma parte consagrada a “fragmentos inéditos” a partir do fôlio 263. Ao olharmos o primeiro desses fragmentos mais de perto, podemos descobrir que na verdade o fôlio 263 está longe de ser um “fragmento inédito”. Em realidade, ele pertence a um texto publicado duas vezes ao longo da vida de Proust.

jusqu'à l'infini du mystère et des  
destinées; telle adorée qui le tint si fort  
que rien ne lui était de rien [?] que ce  
qu'il pouvait faire servir à son adoration  
pour elle, qui le tint si fort, et qui  
maintenant s'en allait si vague qu'il ne  
la retenait plus, ne retenait même plus  
l'odeur disséminée des pans fuyants de  
son manteau, il se crispait pour la  
revivre, la ressusciter et la clouer  
devant lui comme une collection de  
papillons. Et chaque fois, c'était plus  
difficile. Et il n'aurait n'avait ~~jour~~  
toujours attrapé aucun des papillons,  
mais chaque fois il leur avait un peu  
ôté avec ses doigts un peu du mirage  
de leurs ailes<sup>8</sup>

Trata-se de uma longa passagem de um estudo de Proust publicado pela primeira vez na *Revue blanche* de julho/agosto de 1893.

---

<sup>6</sup> Cf: <<http://gallica.bnf.fr/dossiers/html/dossiers/Proust/>>

<sup>7</sup> Geneticistas proustianos como Carla Cavalcanti e Silva e Samira Murad têm mostrado a importância e o trabalho ainda a ser feito sobre a questão reconstituição de páginas arrancadas dos cadernos de Proust. Cf: <<http://www.item.ens.fr/index.php?id=579490>>.

<sup>8</sup> Transcrição do fôlio 263r. (NAF 16612).

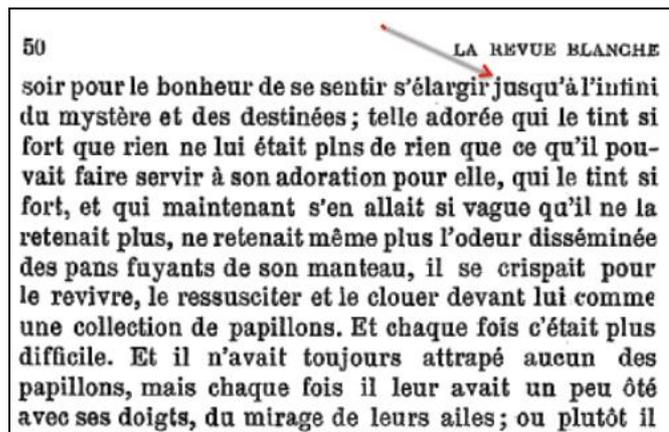


Figura 1 – *La Revue blanche*, juillet-août 1893, p. 50.

Esse texto foi em seguida republicado em *les Plaisirs et les jours* (como uma das partes do capítulo intitulado “*Les regrets. Rêveries couleur du temps*”). Relendo o conjunto do NAF 16612, vemos que ele comporta justamente uma seção consagrada aos “*Regrets*”, na qual podemos notar que esse trecho corresponde de maneira bastante precisa ao fólio 151 desse mesmo caderno.

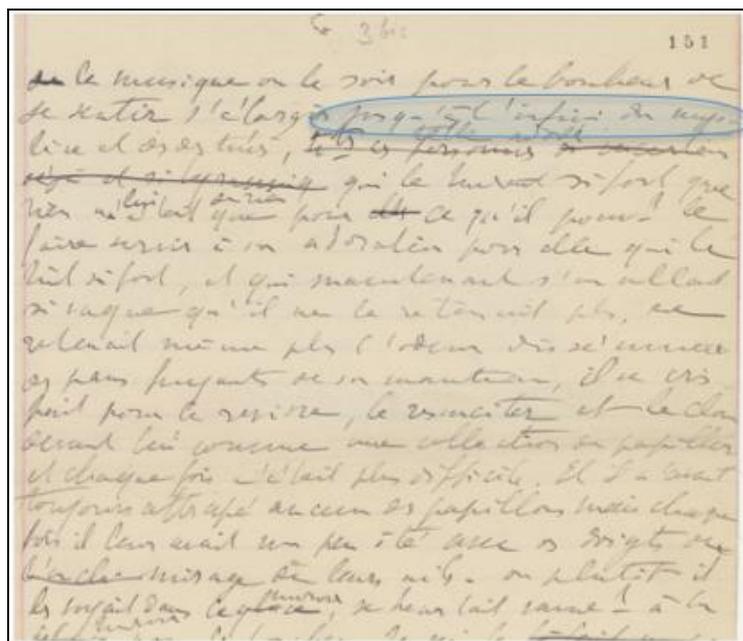


Figura 2 – NAF 16612, f. 151r. Nós sublinhamos a expressão “*jusqu'à l'infini du mystère*”, que marca o início da passagem correspondente ao f. 263r.

Assim, há uma relação textual direta entre os fólhos 151 e 263, bem como entre o “*Étude*” da *Revue blanche* e o capítulo de *les Plaisirs et les jours*. Essa relação parece contudo ter sido negligenciada e nos permite repensar o estado documental desses textos. A classificação de um texto como “fragmento inédito”, quando na verdade ele foi publicado por duas vezes e está igualmente presente no início do documento, parece-nos uma inconsistência documental importante a ser destacada, pois ela mostra que esses manuscritos mereceriam uma atenção maior da parte dos especialistas em crítica genética. Pelo estado lacunar e às vezes incoerente desses manuscritos, um estudo aprofundado dessa parte do acervo proustiano da BNF poderia contribuir significativamente para renovar nosso olhar sobre essa etapa da produção do autor.

Se um estudo mais estendido sobre esses manuscritos ainda é algo a ser feito, uma primeira análise de certos traços desse *corpus* nos permitirá entrever as linhas de força que marcam esses manuscritos. Nesse sentido, um ponto particular nos chama a atenção: o estado documental desses arquivos parece afastar sistematicamente tais textos de seu contexto genético inicial – a imprensa periódica. Dessa forma, o caso do NAF 16634 é particularmente eloquente, pois ele nos mostra em que medida é preciso ir além da ilusão de unidade que ele pode conferir a fim de melhor compreender as bases dos processos de criação dos textos que ele comporta.

### *O caso do NAF 16634*

Se quisermos recuperar esse primeiro horizonte de publicação dos textos presentes no NAF 16634, o fôlio 164 parece ser um ponto de partida interessante. Esse fôlio é, na verdade, um recorte de jornal; mais especificamente, trata-se do artigo “*Épines blanches épines roses*”, extraído do exemplar do *Figaro* de 21 de março de 1912.



**Figura 3 - NAF 16634, f. 164r.**

A presença da página de um grande periódico em meio a uma coleção de manuscritos impõe de imediato a obrigação de refletir sobre o estatuto que o texto de imprensa parece assumir nesse documento. O artigo recortado não comporta nenhuma marca manuscrita que possa realmente explicar a sua presença nessa coleção. Cercado por uma massa de material manuscrito, esse texto publicado parece tender a retornar, em um primeiro olhar, ao estado de material em composição ou assumir o papel de uma pré-publicação. Ora, nesse sentido, nós não estamos muito distantes da associação entre *texto de imprensa* e *manuscrito* que observamos em diversas pesquisas e críticas sobre os escritos de imprensa de Proust. Efetivamente, alguns críticos consideram seus escritos de imprensa como verdadeiros “rascunhos”. Jérôme Picon, por exemplo, em seu prefácio de *Écrits sur l'art*, refere-se aos artigos como sendo uma espécie de “massa incoerente” que serviria de laboratório romanescos: “precedendo *Em busca do tempo perdido*, [esses escritos] participam mesmo da incubação do romance. Esses *rascunhos* são o caldo da cultura de imagens, expressões espirituosas, exemplos, citações artísticas de *Em busca do tempo perdido*”<sup>9</sup>.

Entretanto, se nessa perspectiva a noção de “rascunho” exerce frequentemente a função de uma metáfora de experimentação dessa frase da trajetória proustiana, no contexto do NAF 16634, o termo pode assumir um sentido mais preciso, uma vez que o texto publicado na imprensa se confunde com os manuscritos coligidos no

<sup>9</sup> PICON, J. « Présentation: À la façon des oculistes ». In: PROUST, Marcel. *Écrits sur l'art*. Paris: GF-Flammarion, 1999, p. 22.

documento. Esse lugar dissonante dado ao texto de imprensa (mesmo em sua versão impressa) nos convida então a um estudo mais detalhado das características e dos critérios de composição desse documento da BNF.

Voltando ao conjunto do NAF 16634, notamos que a presença desse recorte de jornal é, na verdade, apenas um elemento na vasta heterogeneidade do documento. Se é surpreendente ver uma página do *Figaro* nessa coleção de manuscritos, é preciso ainda observar a grande variedade de gêneros e de suportes que nela se apresentam: manuscritos, correspondências, desenhos, datiloscritos etc.:

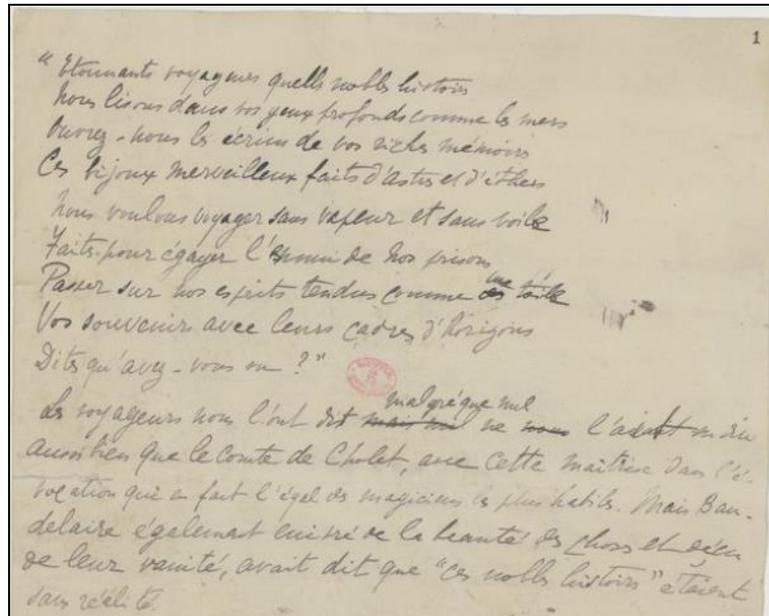


Figura 4 – NAF 16634, f. 1r.

(Manuscrito do artigo « Choses d'Orient »

publicado pela primeira vez em *Littérature et critique*, 25 maio 1892).



Figura 5 – NAF 16634, f. 130v.

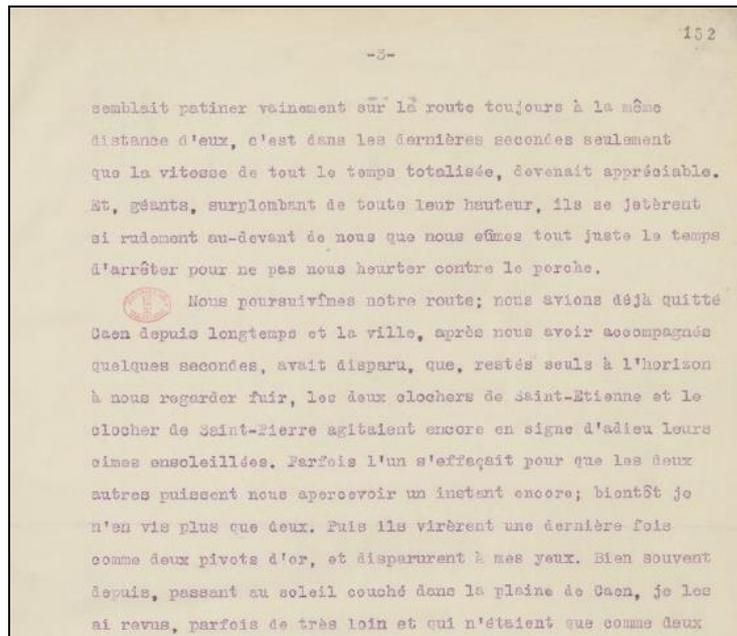


Figura 6 – NAF 16634, f.152r.

(Datiloscrito do artigo « Impressions de route en automobile »,  
publicado pela primeira vez em *Le Figaro*, 19 nov. 1907).

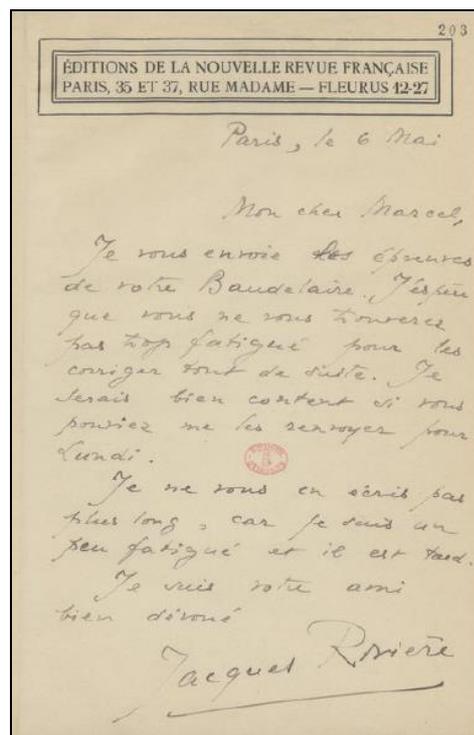


Figura 7 - NAF 16634, f. 203r.

Carta de Jacques Rivière a Proust.

Há ainda outro meio de contemplar essa heterogeneidade: por meio da escrita. No NAF 16634, a escrita proustiana (no sentido mais imediato: grafológico) muda sensivelmente a cada seção desse caderno, de modo que nós podemos suspeitar que alguns fragmentos não são da mão de Proust.



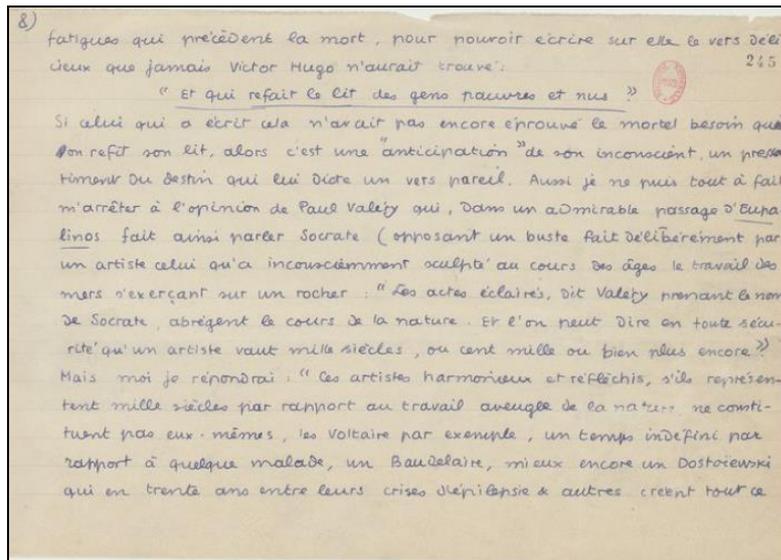


Figura 11 – NAF 16634, f. 245r.

Atravessando o caráter de unidade dado ao documento, sobretudo pelo paratexto organizado (número de cota, índice, etc.) e pela manipulação do suporte (encadernação, colagem das páginas, etc.), é na contemplação dos diferentes suportes, gêneros, expressões e formas de escrita que podemos vislumbrar os diferentes momentos e os diferentes contextos nos quais esses textos foram compostos, e que podemos, então, melhor compreender os traços fundamentais de sua gênese. A unidade do NAF 16634 é desestabilizada pela multiplicidade de gêneros, de escrituras e de suportes que ele engloba, fruto da própria diversidade de seus contextos primeiros de criação. Assim, o estudo desse documento revela traços importantes da produção proustiana na imprensa: a variedade e a longa duração de uma produção intermitente e inserida no quadro também variado e movimentado da imprensa da Belle Époque francesa.

Mas então, qual seria a lógica que fornece unidade a esse documento da BNF? Aqui, como nas outras cotas que elencamos acima, o peso da publicação em volume parece preponderante. Nós observamos que se trata, em grande parte, dos artigos incluídos em *Chroniques* (C), como mostra a tabela:

Article	Publication dans la presse	En volume
<i>Choses d'orient</i>	<i>Littérature et critique</i> , Mai 1892	C, CSB et EA
<i>Un livre contre l'élégance</i>	<i>Le Banquet</i> , avril 1892	C, CSB, EA
<i>La Cour aux lilas</i>	<i>Le Figaro</i> , 11 mai 1903	C, CSB, EA
<i>Fête chez Montesquiou à Neuilly</i>	<i>Le Figaro</i> , 18 jan. 1904	CSB, EA
<i>La Mort des Cathédrales</i>	<i>Le Figaro</i> , 16 août 1904	C
<i>La comtesse de Guerne</i>	<i>Le Figaro</i> , 07 mai 1905	C, CSB, EA
<i>Un professeur de beauté</i>	<i>Les Arts de la vie</i> , 15 août 1905	CSB, EA, TR
<i>Journées de lecture</i>	<i>Le Figaro</i> , 20 mars 1907	C, CSB, EA
" <i>Les Éblouissements</i> " par la Comtesse de Noailles	<i>Le Figaro</i> , 15 juin 1907	C, CSB EA
<i>Impressions de route en automobile</i>	<i>Le Figaro</i> , 19 nov. 1907	CSB, PM
" <i>Le chemin mort</i> " par Lucien Daudet. <i>Compte-rendu</i>	<i>L'intransigeant</i> , 8 sept 1908	CSB, EA, TR
<i>Around d'un livre: "Le Prince des cravates"</i>	<i>L'intransigeant</i> , 21 sept 1910	CSB, EA
<i>Epines Blanches Epines Roses</i>	<i>Le Figaro</i> , 21 mars 1912	C
<i>Vacances de Pâques</i>	<i>Le Figaro</i> , 25 mars 1913	C
<i>À Propos du Style de Flaubert</i>	<i>Nouvelle Revue Française</i> , 1 jan. 1920	C, CSB, EA
<i>Préface à "Tendres Stocks" de Paul Morand</i>	<i>Revue de Paris</i> , 15 nov. 1920	CSB EA, TR
<i>A propos de Baudelaire</i>	<i>Nouvelle Revue Française</i> , 1 juin 1921	C, CSB, EA

A própria referência do catálogo da BNF não deixa nenhuma dúvida: sua composição é intimamente ligada à coleção publicada em 1927 por Robert Proust.

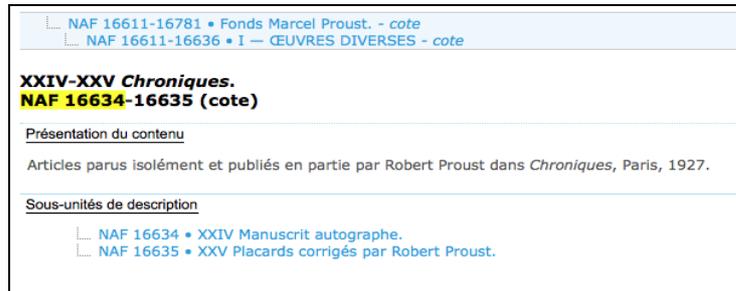


Figura 12 – Referência bibliográfica. Disponível em:

<[http://archivesetmanuscrits.bnf.fr/ead.html?id=FRBNFEAD000007411&c=FRBNFEAD000007411\\_d0e661](http://archivesetmanuscrits.bnf.fr/ead.html?id=FRBNFEAD000007411&c=FRBNFEAD000007411_d0e661)>

Ora, a edição em livro se configura efetivamente como um momento importante na história editorial de qualquer texto de imprensa. O fenômeno da “publicação em volume” tende justamente a atribuir uma nova significação aos textos que ele colige. Como mostra Marie-Ève Thérénty, os escritores-jornalistas tinham consciência desde o século XIX do poder significativo de uma edição em livro:

Ora, num segundo momento e numa segunda operação de criação, frequentemente o autor-jornalista os seleciona [os artigos] e edifica, através de acréscimos, construções editoriais complexas, ou lhes atribui uma unidade e uma significação novas pela simples redação de paratextos ou peritextos<sup>10</sup>.

O documento da BNF não escapa, portanto, à influência do estatuto da publicação em livro em seu tratamento dos artigos. Por um lado, manuscritos de Proust podem já ter chegado assim, reunidos, à BNF. Não é difícil supor, por exemplo, que os textos tenham sido reunidos por Robert Proust e Gaston Gallimard durante a etapa da composição do volume *Chroniques*<sup>11</sup>. Por outro lado, também é pertinente conjecturar que a primazia da legitimidade do volume sobre aquela do suporte periódico foi determinante na composição e na manutenção desse documento tal qual ele se apresenta a nós hoje. O recorte de jornal simboliza no seio desse material genético o papel ambíguo do texto de imprensa em relação a sua versão em volume: de texto publicado, ela passa a evocar uma etapa transitória e instável (e assim similar ao rascunho) a partir do momento em que aparece a publicação em livro (ainda que postumamente).

Dessa maneira, a “lógica do volume” nos permite explicar, em retorno, a heterogeneidade do NAF 16634, consequência da lacuna entre a diversidade característica da gênese primeira dos artigos, de um lado, e sua publicação posterior em volume, de outro. De 1892 a 1920, da *Littérature et critique* à *NRF*, passando pelo *Figaro*, nós observamos reunida nesse documento da BNF uma infinidade de momentos, de períodos e de ritmos de trabalho do Proust jornalista e cuja reunião em volume criaria uma ilusão de unidade. Assim, os traços de heterogeneidade e a “lógica do volume” presentes no NAF 16634 são essenciais para que nós possamos estudar esses textos, de tal forma que o pesquisador que se debruçar sobre eles deve estar consciente desse duplo momento editorial – entre a publicação na imprensa e aquela em volume –, ainda que o seu estado documental presente privilegie esta última. Diante dessas constatações, é importante tomar uma distância crítica em relação à organização e colagem dos fôlios, se quisermos observar, por meio da escritura presente no NAF 16634, os indícios capazes de recuperar a importância da imprensa na escritura desses textos de Proust.

<sup>10</sup> THERENTY, M.-È. *La Littérature au quotidien*. Paris: Seuil, 2007, p. 17.

<sup>11</sup> PROUST, M. *Chroniques*. Paris: Nouvelle Revue Française, 1927, p. 7.

## A “infundabilidade” da escritura – o manuscrito e o jornal

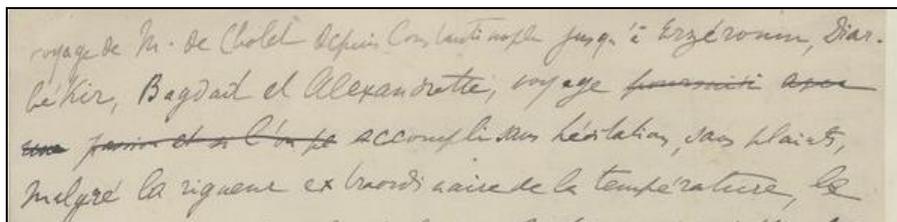
Um texto de imprensa, sobretudo em um contexto mediático cada vez mais dinâmico como o da Belle Époque, supõe normalmente uma produção rápida, imposta pelas restrições da atualidade então preponderante. O texto de imprensa, de maneira geral, impõe sobre a escritura um novo regime, que podemos entrever, por exemplo, por meio das transformações que ele engendra no ritmo de escrita:

é por haver publicação, em um ritmo que nada tem o direito de retardar, que é indispensável encontrar autores – ou fornecedores de texto. O ritmo da escritura não reflete mais o jogo de forças individuais, mas uma realidade social<sup>12</sup>.

Esse tipo de escrita marcada pela demanda incessante de textos prontos para publicação seria portanto pouco adaptada às correções sucessivas, aos acréscimos exaustivos e às mudanças que, como sabemos, marcam o processo de criação de Proust. Entretanto, é preciso considerar que a relação do escritor com a imprensa não é muito constricta. Como Baudelaire<sup>13</sup>, Proust goza de um lugar ambíguo que lhe permite ao mesmo tempo estar presente na imprensa sem que isso implique a exigência de obediência completa a seus protocolos e ritmos. O NAF 16634 nos mostra justamente que Proust trabalha com essa ambiguidade na escritura de imprensa em relação à qual, ao mesmo tempo, ele parece querer responder a certa demanda e não poder deixar de empregar nesses artigos os processos de escritura que tendem a retrabalhar exaustivamente os textos; processos, enfim, similares àqueles que ele aplicará em seu romance.

Examinemos, por exemplo, os fólios 1 v. e 2 r. do NAF 16634. Essas duas páginas são consecutivas no caderno, mas não há verdadeiramente continuidade entre elas. A frente do fólio 2 retoma o verso do fólio 1 a partir do meio da página, e nós podemos imediatamente notar que se trata de uma passagem a limpo. Passando de uma página a outra, observamos a eliminação das rasuras, bem como um maior cuidado ortográfico, a caligrafia mais marcada e uma preocupação com a clareza. São, portanto, duas etapas diferentes das quais não possuímos mais nem a continuação da primeira, nem o começo da segunda, e o documento da BNF nos propõe uma espécie de “colagem” dessas duas etapas.

Poderíamos, assim, supor primeiramente ao menos dois tempos na composição: uma de rascunho, em que Proust se permite corrigir, rasurar e experimentar ideias que ele poderá manter ou abandonar em seguida, como vemos no fólio 1 v.:

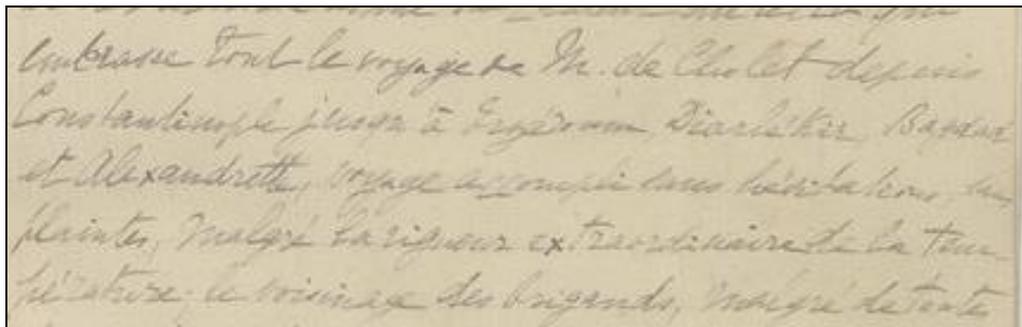


voyage de M. de Cholet depuis Constantinople jusqu'à Erzeroum, Diarbékir, Bagdad et Alexandrette, voyage ~~poursuivi avec une passion et si l'on se~~ accompli sans hésitation, sans plaintes, malgré la rigueur extraordinaire de la température, le

No segundo fólio, é possível observar a eliminação das rasuras e a manutenção do texto tal como ele havia proposto pela versão antecedente.

<sup>12</sup> KALIFA, D. et al. *La Civilisation du journal*. Paris: Nouveau Monde, 2011, p. 18.

<sup>13</sup> VAILLANT, A. *Baudelaire journaliste*. Paris: Flammarion, 2012.



*embrasse tout le voyage de M. de Cholet depuis Constantinople jusqu'à Erzéroum, Diarbékir, Bagdad et Alexandrette, voyage accompli sans hésitation, sans plaintes, malgré la rigueur extraordinaire de la température ;*

Essa passagem a limpo talvez pressuponha o objetivo de envio ao periódico, nesse caso, a revista *Littérature et Critique*<sup>14</sup>. A forma, a clareza e o cuidado caligráfico sugerem uma vontade de retirar as possíveis interferências à compreensão do texto. Seu objetivo, em um primeiro olhar, parece ser o de sair da lógica frequentemente “idioletal” do rascunho<sup>15</sup> (lógica que faz do manuscrito um texto dirigido quase exclusivamente ao próprio autor) a fim de chegar a uma versão mais diretamente legível pelos leitores-alvo. Ainda assim, quanto mais avançamos nas páginas dessa suposta passagem a limpo, mais veremos surgir novas mudanças, rasuras, retomadas e acréscimos.

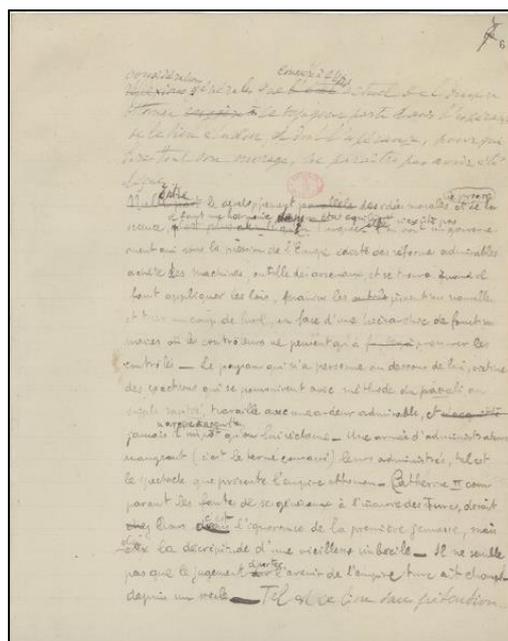


Figura 13 – NAF 16634, f. 6r.

Ao observarmos mais adiante, dos fólhos 3 a 6, a clareza e a organização do que parece uma passagem a limpo são sensivelmente modificadas, e mesmo a escrita se transforma ao longo desse trecho. O texto tende, assim, a reassumir a função de rascunho, justamente no momento em que parecia chegar a um acabamento maior. Como um manto de Penélope, o texto se retoma e se des/refaz constantemente, e revela, nesse curto artigo de crítica, o

<sup>14</sup> O artigo em questão aparecerá no número 3 da revista, em 25 de maio de 1892.

<sup>15</sup> MAURIAC, N. “‘Minor tongues’ in Proust’s Drafts and the Problem of Editing”. In: *Variants, The Journal of the European Society for Textual Scholarship*, n. 9, 2012, p. 149-162.

traço de “infindabilidade potencial”<sup>16</sup> que Ranier Warning aponta como característica da gênese romanesca em Proust. Essa vontade de retomar e recompor um texto, mesmo quando ele parece chegar à sua versão definitiva, não é exclusiva desse exemplo. O NAF 16634 nos apresenta ainda uma grande quantidade de bifurcações e acréscimos (marcados pelos famosos sinais de remissivos de Proust) que poderíamos associar a esse movimento de escritura que está, sem cessar, se refazendo e retomando os fios anteriores, ao mesmo tempo em que compõe novos fios<sup>17</sup>.

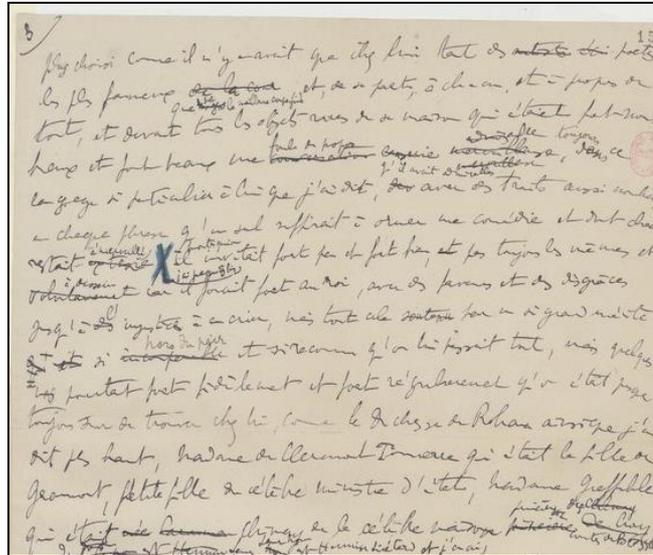


Figura 14 – NAF 16634, f. 15r.

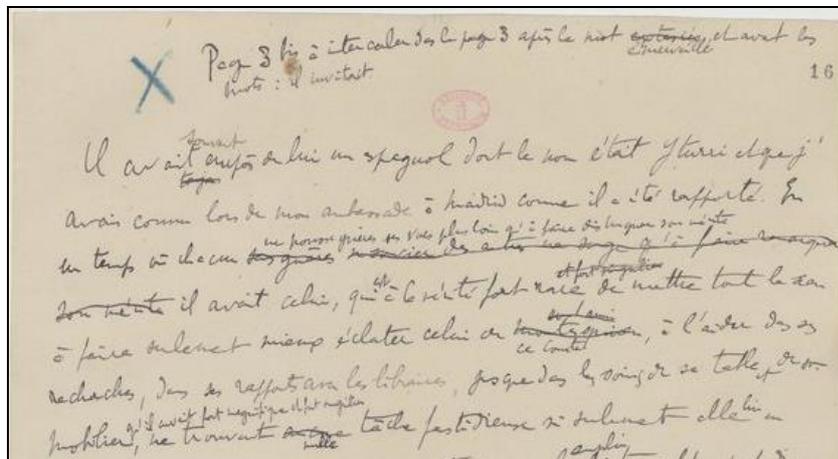


Figura 15 – NAF 16634, f. 16r.

Esses fenômenos de interposição, de bifurcação, revelam uma escritura em rede, que se dobra sobre ela mesma constantemente. No caso da escritura proustiana, esse fenômeno se encontra de maneira bastante clara e já bastante explorada no processo de escrita do romance:

<sup>16</sup> Tradução nossa para o neologismo “inachevabilité potentielle”. WARNING, R.; MILLY, J. *Marcel Proust: Écrire sans fin*. Paris: CNRS, 1996, p. 9.

<sup>17</sup> O crítico Dirk Van Hulle associa a escrita proustiana à imagem borgesiana dessa incessante multiplicação dos caminhos que se bifurcam (*Textual awareness: A genetic study of late manuscripts by Joyce, Proust and Mann*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2004, p. 52).

Como bem assinalou a crítica genética, *Em busca do tempo perdido* se formulou em si como discurso sem deixar de se observar no próprio espelho, reconsiderando-se sempre no intuito de se corrigir indefinidamente, para se reinventar em uma reflexão e um desdobramento constantes, abortados apenas pela morte do autor<sup>18</sup>.

Entretanto, se tomado sob um ponto de vista menos concreto, esse jogo de digressões, de citações, remissões, retomada e extensão pela dobragem não seria também similar à configuração textual da imprensa? Se a aproximação direta entre os procedimentos do manuscrito e aqueles do suporte periódico corre o risco de cair na superficialidade especulativa em razão do distanciamento evidente entre as duas instâncias, não nos parece impertinente de pensar que o manuscrito poderia também criar tensões que o aproximariam das tensões do texto de jornal<sup>19</sup>. Ora, a “infundabilidade potencial” do manuscrito parece se ligar aqui à potencialidade de infinitude do jornal, pois que este também é marcado pelo próprio desaparecimento e por um trabalho de constante e incessante reescrita. Não seria essa, aliás, uma das aproximações que a inclusão da página do *Figaro* nessa coleção de manuscritos parece nos sugerir?

O jornal encarna uma demanda textual particularmente intensa, demanda que não depende exclusivamente da individualidade do autor. Mas o manuscrito também imprime certa demanda que, ainda que mais individual, também pode ser compreendida como forma que excede o indivíduo. Como mostra Philippe Willemart,

A escritura não é fruto da transmissão de um pensamento que utiliza a linguagem como instrumento. Ao contrário, ela significa o engajamento de um sujeito, de corpo e alma, corpo e mente, diríamos atualmente, na língua. O engajamento supõe amor e ódio, sensações e inteligência, manifestados no duplo movimento que faz avançar a escritura, a submissão de um lado e a dominação do outro, a obediência a terceiros e à tradição, por um lado, a reivindicação da originalidade pela rasura e pelo acréscimo, por outro<sup>20</sup>.

De maneira mais simples e mais próxima da prática escritural proustiana para a imprensa, podemos observar que os textos contidos no NAF 16634 incitaram Proust a trabalhar bastante arduamente sobre o detalhe e as estruturas complexas de sua composição. O acúmulo de versões e acréscimos entrevistados antes demonstra tal processo. Esse trabalho contínuo é testemunho de um “estilo genético” frequentemente muito similar àquele do romance e reforça a hipótese que defende a importância dessa primeira produção no percurso de Proust. Entretanto, ao invés de concluir que o autor teria pensado, desde os seus primeiros anos na imprensa, em uma escritura voltada para o romance, seria preciso observar que os fios dessa escritura destacam a importância da *imprensa* como destino editorial final. Mais do que textos provisórios e marginais que Proust prevê incluir em outras obras, ou que o autor retrabalhará somente no momento de uma edição em volume, esses artigos são objeto de uma escritura que se busca a si mesma por meio de bifurcações e retomadas, escritura paradoxalmente sintomática de um desejo de acabamento particularmente cuidadoso. Se um texto publicado na imprensa encarna o peso de ser “não só aquilo que foi escrito por mim, mas o que foi escrito por mim e lido por todos”<sup>21</sup>, o percurso labiríntico e fragmentado dessa escrita sugere mesmo que ela possui linhas de força importantes e demandas específicas com as quais o autor se vê obrigado a lidar continuamente no jogo da escritura.

<sup>18</sup> CARRIEDO, L.; GERRERO, M. L. *Marcel Proust: écriture, réécritures*. Bruxelles: Peter Lang, 2010, p. 12.

<sup>19</sup> MOUILLAUD, M. Le Journal: Un texte sous tension. In: *Cahiers de textologie*, Paris, n. 3, 1990, p. 141-155.

<sup>20</sup> WILLEMART, P. *De l'inconscient en littérature*. Montréal: Liber, 2008, p. 8.

<sup>21</sup> PROUST, M. *À la recherche du temps perdu*. Paris: Gallimard, 1989, v. 4, p. 148.

## Referências

- BEBIANO, Alexandre; CAVALCANTI, Carla. Não seguir a linearidade, mas percorrer bifurcações: entrevista com Philippe Willemart. In: *Manuscritica*, n. 18, 2010, p. 8-25. Disponível em: <<http://www.revistas.fflch.usp.br/manuscritica/article/view/1103/1005>>. Acesso em: 23 fev. 2015.
- CARRIEDO, Lourdes; GERRERO, Maria Luisa. *Marcel Proust: écriture, réécritures*. Bruxelles: Peter Lang, 2010.
- HULLE, Dirk Van. *Textual awareness: A genetic study of late manuscripts by Joyce, Proust and Mann*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2004.
- KALIFA, Dominique et al. *La Civilisation du journal*. Paris: Nouveau Monde, 2011.
- La Revue blanche*. Genève: Slatkine Reprints, t. VII. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k15526f>>. Acesso em: 22 fev. 2015.
- Littérature et critique*, Paris, n. 3, ano 1, 25 de maio de 1896. Disponível em: <<http://proustetlapresse.blogspot.ca/p/les-articles-1890-1900.html>>. Acesso em: 22 fev. 2015.
- MAURIAC, Nathalie. "Minor tongues" in Proust's Drafts and the Problem of Editing. In: *Variants, The Journal of the European Society for Textual Scholarship*, n. 9, 2012, p. 149-162.
- MOUILLAUD, Maurice. Le Journal: Un texte sous tension. In: *Cahiers de textologie*, Paris, n. 3, 1990, p. 141-155.
- PINSON, Guillaume. Marcel Proust journaliste: Réflexions sur les "Salons parisiens" du *Figaro*. In: *Marcel Proust aujourd'hui*, Leyde, v. 3, 2005, p. 123-141.
- PROUST, Marcel. *Chroniques*. Paris: Nouvelle Revue Française, 1927.
- \_\_\_\_\_. *Écrits sur l'art*. Paris: GF-Flammarion, 1999.
- \_\_\_\_\_. NAF 16634 (Manuscrito). Fonds Proust, Bibliothèque Nationale de France. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b53077174v>>. Acesso em: 23 fev. 2015.
- THERENTY, Marie-Ève. *La Littérature au quotidien*. Paris: Seuil, 2007.
- VAILLANT, Alain. *Baudelaire journaliste*. Paris: Flammarion, 2012.
- WARNING, Rainer; MILLY, Jean. *Marcel Proust: Écrire sans fin*. Paris: CNRS, 1996.
- WILLEMART, Philippe. *De l'inconscient en littérature*. Montréal: Liber, 2008.
- WYSE, Pira. Sur une note de régie elliptique de Proust : les Saint-Marceaux et les nymphéas de Monet. In: *Proust écrit un roman*, 2010, São Paulo. *Actes du colloque*. Disponível em: <<http://www.item.ens.fr/index.php?id=577687>>. Acesso em: 23 de fev. de 2015.

Recebido em: 26 fev. 2015  
Aprovado em: 08 nov. 2015